

GEORGES SIMENON

Sombras na Place des Vosges

Tradução
André Telles



Copyright © 1932 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
MAIGRET ® Georges Simenon Limited
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
L'Ombre chinoise

Projeto gráfico
Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Angela das Neves
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.

Sombras na Place des Vosges / Georges Simenon ; tradução André Telles. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: L'Ombre chinoise.
ISBN 978-85-359-2594-4

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2. Romance francês I. Título.

15-02554

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa
843.0872

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. A silhueta 7
2. Um bom sujeito 14
3. O casal do Pigalle 26
4. A janela do segundo andar 40
5. A louca 57
6. Quarenta de febre 70
7. As três mulheres 83
8. O enfermeiro 94
9. O homem do pecúlio 106
10. Identidade 116
11. O desenho na parede 129

1. A silhueta

Eram dez da noite. Os portões do gramado central estavam fechados e a Place des Vosges, deserta, com os rastros luzidios dos carros desenhados no asfalto e o silvo contínuo dos chafarizes, as árvores desfolhadas e o recorte monótono dos telhados idênticos contra o fundo do céu.

Sob as arcadas, que formam um prodigioso cinturão na praça, poucas luzes. Apenas em três ou quatro lojas. O comissário Maigret viu uma família comendo numa delas, atulhada de co-roas fúnebres.

Tentava ler os números sobre as portas, mas foi só passar pela floricultura que uma criaturinha saiu da penumbra.

— Foi para o senhor que acabei de telefonar?

Já fazia um tempo que esperava. Apesar do frio de novembro, não vestira um casaco sobre o avental. Seu nariz estava vermelho, seus olhos, inquietos. A menos de cem metros, na esquina da Rue de Béarn, um guarda de uniforme estava a postos.

— Não avisou a ele? — grunhiu Maigret.

— Não! Por causa da sra. de Saint-Marc, que vai ter neném... Olhe! É o carro do médico, chamado às pressas...

Havia três carros no meio-fio, com faróis e lanternas traseiras acesos. O céu, onde nuvens passavam contra um fundo enluarado, emitia fulgores indefiníveis. Tudo sugeria que a primeira neve estava no ar.

A zeladora atravessou a entrada abobadada do prédio, iluminada por uma lâmpada de vinte e cinco velas e coberta de pó.

— Vou explicar... Aqui é o pátio... É preciso atravessá-lo para ir a qualquer dependência do prédio, exceto às duas lojas... Aqui fica meu alojamento, à esquerda... Não repare... Não tive tempo de botar as crianças na cama...

Eram dois, um menino e uma menina, na cozinha em desordem. Mas a zeladora não entrou. Apontou para um prédio comprido, de proporções harmoniosas, ao fundo do pátio amplo.

— É lá... O senhor vai entender...

Maigret examinava com curiosidade aquela mulherzinha, cujas mãos agitadas denotavam nervosismo.

— Estão chamando um comissário ao telefone! — lhe haviam dito pouco antes no Quai des Orfèvres.

Ouvira uma voz abafada. Repetira três ou quatro vezes:

— Quer falar mais alto? Não consigo ouvir!

— Não posso... Estou no telefone da tabacaria... Então...

Era uma mensagem espasmódica.

— Precisa vir imediatamente ao número 61 da Place des Vosges... Sim... Acho que é um crime... Mas não espalhe ainda!

Agora a zeladora apontava para as grandes janelas do primeiro andar. Atrás das cortinas, viam-se sombras indo e vindo.

— É lá...

— O crime?

— Não! É a sra. de Saint-Marc dando à luz. É sua primeira vez... Ela não é muito forte. Compreende?

O pátio estava ainda mais escuro que a Place des Vosges. Havia uma única luminária, afixada no muro. Entrevia-se uma

escada atrás de uma porta de vidro, depois, aqui e ali, janelas iluminadas.

– Mas e o crime?

– Tome nota! Às seis da tarde, os empregados do Couchet foram embora...

– Um instante. O que é o “Couchet”?

– As dependências ao fundo... Um laboratório que fabrica soros... O senhor deve conhecer. Soros do Dr. Rivière.

– Aquela janela com luz?

– Espere. Hoje é dia 30... Quer dizer, o sr. Couchet estava lá. Ele costuma ficar sozinho depois do fechamento do escritório. Eu o vi através dos vidros, sentado em sua poltrona. Olhe...

Uma janela com vidros foscos. Uma sombra estranha, como de um homem prostrado sobre uma escrivaninha.

– É ele?

– É... Por volta das oito horas, quando esvaziei minha lixeira, dei uma espiada. Ele estava escrevendo... Vi perfeitamente sua mão, segurando uma caneta-tinteiro ou um lápis.

– A que horas o crime...

– Vou chegar lá! Subi para ter notícias da sra. de Saint-Marc. Espiei de novo quando descí. Ele estava como agora, até achei que tinha dormido...

Maigret começava a perder a paciência.

– Então, quinze minutos depois...

– Sim! Ele continuava no mesmo lugar! Vamos ao ponto.

– Foi só... Quis verificar... Bati à porta do escritório... Não responderam, entrei... Está morto... Há sangue por toda parte...

– Por que não avisou na delegacia? Fica a dois passos, na Rue de Béarn...

– Para eles chegarem de uniforme? Teriam causado um rebuliço no prédio! Repito que a sra. de Saint-Marc...

Maigret conservava as mãos nos bolsos, cachimbo entre os dentes. Voltou os olhos para as janelas do primeiro andar

e teve a impressão de que o momento se aproximava, pois a agitação aumentara. O som de uma porta se abrindo, passos na escada. Um vulto alto e largo se desenhou no pátio e a zeladora, cutucando o braço do comissário, murmurou com respeito:

— O sr. de Saint-Marc... É um ex-embaixador...

O homem, cujo rosto não se via, parou, moveu-se de novo e voltou a parar, sem desgrudar os olhos das próprias janelas.

— Devem tê-lo mandado sair. Chegou a hora... Venha... Não acredito! Não é que ligaram a vitrola de novo! E bem na cabeça dos Saint-Marc!

Uma janela menor, no segundo andar, com a luz modulada. Estava fechada e mais se adivinhava do que se ouvia a música de um gramofone.

A zeladora, medíocre, nervosa, com os olhos vermelhos, dedos agitados, caminhou até o fundo do pátio e apontou uma pequena escada e uma porta entreaberta.

— O senhor verá, do lado esquerdo. Prefiro não entrar de novo...

Um escritório banal. Móveis claros. Papel de parede liso.

E um homem de quarenta e cinco anos, sentado numa poltrona, a cabeça tombada sobre papéis espalhados à sua frente. Morto com uma bala bem no meio do peito.

Maigret fez um apanhado da situação: a zeladora continuava do lado de fora, esperando, e o sr. de Saint-Marc continuava a deambular pelo pátio. De vez em quando, um ônibus contornava a praça e seu estrépito intensificava ainda mais o silêncio que se seguia.

O comissário não tocou em nada. Apenas se certificou de que a arma não ficara no escritório e, após permanecer três ou quatro minutos examinando o recinto, dando curtas baforadas no cachimbo, saiu, ressabiado.

— E então?

A zeladora continuava ali. Falava baixo.

— Nada! Está morto!

— Acabam de chamar o sr. de Saint-Marc lá em cima.

O apartamento estava em polvorosa. Portas batiam. Alguém corria.

— Ela é tão fraquinha!

— Não duvido! — grunhiu Maigret, coçando a nuca. — Só que não é disso que se trata. Tem pelo menos uma ideia de quem possa ter entrado no escritório?

— Eu? Como assim?

— Ora! Do seu posto, a senhora deve ver os moradores passando.

— Deveria! Se o proprietário me desse um alojamento adequado e melhorasse a iluminação. Mal ouço os passos e, à noite, mal vejo as sombras. Há passos que reconheço...

— Não notou nada de anormal depois das seis horas?

— Nada! Quase todos os moradores vieram esvaziar suas latas de lixo. É aqui, à esquerda da minha cabine... Vê as três caçambas? É proibido vir antes das sete.

— E não viu ninguém passar?

— Como posso saber? Vê-se que o senhor não conhece o prédio. São vinte e oito moradores... Sem falar no estabelecimento de Couchet, onde é um entra e sai constante...

Passos na entrada. Um homem de chapéu-coco adentrava o pátio, virava à esquerda e, aproximando-se das caçambas, recolhia uma lata de lixo vazia. Apesar da escuridão, deve ter percebido Maigret e a zeladora, pois, detendo-se por um instante, terminou por indagar:

— Nada para mim?

— Nada, sr. Martin.

Maigret se informou:

— Quem é?

– Um escrevente de cartório, o sr. Martin, que mora no segundo andar com a mulher.

– Por que diabos sua lata de lixo...?

– Quase todos fazem assim quando precisam sair. Descem a lata de lixo quando saem e a recolhem na volta. O senhor ouviu?

– O quê?

– Me pareceu... uma espécie de choro... Se pelo menos aquelas duas lá em cima fizessem a gentileza de desligar sua maldita vitrola! Observe que elas sabem perfeitamente que a sra. de Saint-Marc está em trabalho de parto...

Precipitou-se para a escada, que alguém descia.

– E então, doutor? É menino?

– Menina.

E o médico passou. Ouviram-no manobrar o carro e arrancar.

O prédio continuava a viver sua rotina. O pátio escuro. A abóbada e sua lâmpada indigente. As janelas iluminadas e a música da vitrola em surdina.

O morto continuava no escritório, solitário, a cabeça caída sobre as cartas espalhadas.

De repente, um grito, no segundo andar. Um grito dilacerante, parecendo um apelo desesperado. A zeladora, contudo, nem sequer estremeceu, apenas suspirava ao empurrar a porta de seu alojamento:

– Só faltava essa! A louca de novo...

Gritou também, porque um de seus guris quebrara um prato. Na luz, Maigret via um rosto magro, cansado, um corpo sem idade.

– Quando é que o negócio vai começar, as formalidades e tudo o mais? – ela indagou.

A tabacaria defronte ainda estava aberta e poucos minutos depois Maigret se fechava na cabine telefônica. À meia-voz, dava instruções.

– Sim... O Ministério Público... 61... Quase esquina com a Rue de Turenne... E avisem a Polícia Técnica... Alô! Sim, estou no local...

Deu alguns passos na calçada, atravessou mecanicamente a entrada abobadada e parou no meio do pátio, mal-humorado, encolhendo os ombros por causa do frio.

As luzes começavam a se apagar nas janelas. A silhueta do defunto permanecia delineada no vidro fosco.

Um táxi chegou. Ainda não era o Ministério Público. Uma jovem atravessou o pátio celeremente, deixando atrás de si um rastro de perfume, e empurrou a porta do escritório.